

DANÇA

Teatro Municipal do Rio encena o balé ‘Les Présages’



Cenógrafo finaliza cenário de ‘Les Présages’: momento histórico

O Corpo de Baile da cidade estréia hoje, além da obra de Leonide Massine sobre a ‘5.ª Sinfonia’ de Tchaikovski, ‘Daphnis et Chloé’, de George Skibine, com música de Maurice Ravel

BEATRIZ COELHO SILVA

RIO — O Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio deixou de lado, nas últimas semanas, os passos e personagens do repertório clássico que lhe deu fama para mergulhar de cabeça no século 20. Hoje, estréia a penúltima produção do grupo neste ano: os balés *Les Présages*, de Leonide Massine, sobre a 5.ª *Sinfonia* de Tchaikovski; e *Daphnis et Chloé*, de George Skibine, com música de Maurice Ravel. “Essas obras são momentos importantes do repertório neoclássico e tanto os bailarinos quanto o público carioca precisam entrar em contato com elas”, explica o diretor-artístico do Municipal do Rio, Jean-Yves Lormeau.

Para dirigir as montagens foram chamadas duas bailarinas que se consagraram com esses balés, ambas saídas do Ballets Russes de Diaghlev, para os quais foram criadas as coreografias. A franco-russa Tatiana Leskova, radicada no Rio desde a década de 40, que assina a remontagem de *Les Présages*, era uma das solistas quando o balé foi levado ao mesmo Teatro Municipal em 1956, pelo próprio Leonide Massine. “Por isso, tenho essa coreografia na memória, no corpo e anotada entre meus escritos”, diz ela. Já Claude Bessy, responsável por *Daphnis et Chloé*, era a protagonista na primeira montagem da Ópera de Paris, em 1959.

Embora criadas com duas décadas de diferença (*Daphnis et Chloé* é de 1912 e *Les Présages*, de 1933), as duas coreografias são consideradas marcos do balé expressionista porque, mais do que contar uma história com enredo intrincado ou grande riqueza de cenários e figurinos, a intenção de seus criadores foi expressar sentimentos por intermédio da dança. Mesmo assim, ambas guardam grandes diferenças entre si até porque *Les Présages* foi criado sobre música já existente, enquanto Ravel compôs *Daphnis et Chloé* por encomenda de Diaghlev para ser dançado por Nijinsky.

Mas *Daphnis et Chloé* tem uma história tirada da mitologia grega. Um casal apaixonado, é impedido

de ficar junto por um bruxo, mas acaba conseguindo vencer com o auxílio dos deuses.

“Dito assim, parece simples, mas é um número que exige do bailarino uma musicalidade especial, mais voltada para a melodia do que para o ritmo”, explica Claude Bessy, hoje uma simpática e gorducha senhora que trabalha no Brasil pela primeira vez, depois de vir aqui diversas vezes a passeio. “Acho que essa será a maior dificuldade dos bailarinos brasileiros que têm um bom preparo técnico, mas exploram melhor o ritmo do que a melodia quando dançam.”

Les Présages foi criado como um grito de revolta contra o nazismo que começava a ganhar força na década de 30. Cada movimento da 5.ª *Sinfonia* de Tchaikovski representa um sentimento ou um momento do ser humano, como explica Tatiana Leskova: “Primeiro vem a ação; depois, a paixão que nos faz agir seguida da leveza de espírito e, por fim, o destino, que permeia tudo.” No

entanto, ela ressalta que não é uma coreografia abstrata, pois fala de sentimentos comuns a todos nós. “A grande dificuldade é que esse balé exige muita força e habilidade técnica dos bailarinos, mesmo os que estão no coro, porque aqui o corpo de baile não funciona apenas como fundo da ação, mas também participa dela.”

Os ensaios começaram há dois meses e foram para o palco do Teatro Municipal na semana passada. Vários bailarinos vão revezar-se como solistas nos quatro dias da temporada, que vai até domingo. “Quisemos dar chance a todos de dançar e mostrar o que fazem de melhor”, explica Lormeau.

Também por isso a temporada é tão curta, preferimos ter mais variedade do que quantidade de coreografias. “Mas quem não entende balé sem ninfas, fadas e princesas não perde por esperar. O Teatro Municipal pretende encerrar o ano e (talvez) a gestão dos atuais administradores com um clássico: *A Bela Adormecida*, de Marius Petipas, sobre músicas de Tchaikovski. Uma superprodução que chega completa aos palcos cariocas pela primeira vez.



Tatiana Leskova durante ensaio com bailarinos do ‘Les Présages’: obra inaugurou nova maneira de compor, nos anos 30, que ficou conhecida como balé sinfônico

Ex-solista do original assina remontagem

Tatiana Leskova pertencia à companhia que levou o espetáculo ao mesmo palco carioca, em 1956

HELENA KATZ

Especial

A estréia de *Les Présages*, hoje, às 21 horas, com o Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, deve ser celebrada como uma data histórica, dada a importância dessa obra. Trata-se de uma remontagem de Tatiana Leskova, que detém a autorização formal dos herdeiros de Massine para realizá-la e a competência de uma expert para produzi-la com perfeição.

Les Présages, balé em quatro partes (ação, paixão, frivolidade e guerra) com a 5.ª *Sinfonia* de Tchaikovski, foi criado em 1933 para o Ballets Russes de Monte Carlo do Conde de Basil, com cenário do surrealista André Masson. Estrelado por bailarinos como Verchinina, Baranova, Riabouchinska, Lichine e Woizikovsky, que dançavam o tema do triunfo do homem sobre a adversidade, inaugurou uma nova maneira de compor, nos anos 30, que se tornou conhecida como balé sinfônico.

Esse, o primeiro dos balés sinfônicos de Massine, foi um enorme sucesso. O segundo, *Choreartium*, encenado no mesmo ano, recebeu críticas iradas dos que pretendiam defender a música sinfônica do “abuso” de ser transformada em dança. O terceiro, *Sinfonia Fantástica*, 1936, voltou a ser aceito, pois o próprio Berlioz já havia dado uma linha narrativa clara para a sua composição.

Embora os três balés não sejam muito populares hoje, favoreceram

o uso de sinfonias completas para a dança — permitindo, por conseguinte, que o preconceito fosse derrotado.

Antes da célebre remontagem para a Ópera de Paris, idéia de Nureyev, a última encenação completa de *Les Présages* havia ocorrido em 1956, quando o próprio Massine remontou a obra no Rio, a convite de Tatiana Leskova, que havia dançado na companhia de De Basil. Muito precoce para a sua época, tanto no uso da abstração quanto na música sinfônica, a obra hoje parece datada exatamente por causa dessas características — que ela inaugurou e influenciaram todo mundo.

Influência — Segundo Anna Kisselgoff, crítica do jornal *The New York Times*, quem assiste a *Les Présages* percebe a influência de Massine sobre sir Frederick Ashton e sobre Balanchine. Em 1936, o grande crítico Edwin Denby dizia: “Massine tem a mais estonteante inventividade e construtividade, é uma enciclopédia de balé, de caracterização, de especialidade, de conhecimento sobre épocas...”

Na verdade, a polêmica que cerca *Les Présages* diz respeito à normatização do que a dança pode ou não pode conter. Massine ousou, em 1933, alegorias como a que usou em *Ação*, na qual uma mulher vestida num

traje grego se divide entre tentações representadas por um corpo de baile e solistas masculinos. Jovens amantes em pas-de-deux neoclássicos — representação que hoje se tornou muito familiar, mas, na



Tatiana Leskova: competência

ocasião, parecia quase um distúrbio visual — apresentavam *Paixão*, a segunda parte.

Para a valsa da terceira parte, criou um longo solo que chamou de *Frivolidade*, para uma bailarina numa túnica curta azul acompanhada

por um corpo de baile feminino. Na parte final, o amante do segundo movimento triunfa sobre o espírito de guerra do *Destino*.

A unidade das suas danças corais e a destilação dos gestos de extração expressionista fazem de *Les Présages* uma obra neoclássica. Nela, Massine ecoa a criação de Alexander Gorsky para o Ballet Bolshoi com a 5.ª *Sinfonia* de Glazunov, de 1915, e também *Dance Symphony*, *The Magnificence of*

the Universe, de Fyodor Lopukhov, com a 4.ª *Sinfonia* de Beethoven, de 1923, obra que Lincoln Kirstein apontava como a precursora direta da *Serenade* de Balanchine.

Formado pela Escola Imperial de Moscou, Leonid Fedorovich Massine (1895-1979) também pertenceu aos Balés Russos de Diaghlev. Estreou lá em 1914, convidado pelo próprio para dançar o papel do solista de *A Lenda de Joseph*, de Fokine, logo depois de formado e recém-admitido no Bolshoi, e acabou como o principal coreógrafo, sucedendo a Nijinsky.

Para a Rússia, voltaria apenas com turista, em 1961. Lá, desenvolveu uma espécie de comédia de costumes na forma de coreografia, em obras como *Femmes de Bonne Humeur*, com música de Scarlatti, em 1917, *Boutique Fantasque*, com Rossini/Respighi, em 1919, e *Tricorne*, com De Falla, no mesmo ano, em associações com pintores como Goncharova e Larionov. E criou também um dos hits da época, *Parade*, com Satie, Cocteau e Picasso, em 1917.

Autobiografia — Mesmo tendo deixado a companhia em 1921, voltou para criar várias obras, entre as quais *Les Pas d'Acier*, com música de Prokofiev, em 1927, e *Ode*, em 1928. Nos anos 20, esteve trabalhando nos Estados Unidos e em revistas musicais, em Londres. Publicou uma autobiografia em 1960, *My Life in Ballet* e, em 1976, um livro sobre o sistema de notação que inventou. Participou de três filmes: *Os Sapatinhos Vermelhos*, 1946, *Contos de Hoffman*, 1951, e *Carrossel Napolitano*, 1954. Lorca Massine, o coreógrafo/intérprete que trouxe *Zorba*, seu maior sucesso ao Brasil em 1994 e em 1995, é seu filho.

‘Movimentos do Desejo’ tem apresentação única

Criação de Marcia Duarte é encenada apenas hoje, às 21 horas, no Sesc Ipiranga

Com Luiz Mendonça, Marcia Duarte fundou, em Brasília, o Endança, em 1980, que se transformou num dos mais importantes grupos de dança contemporânea do País. Depois de 14 anos, o projeto foi dissolvido e Marcia decidiu começar a coreografar. Apenas hoje, às 21 horas, ela mostra sua mais recente produção, *Movimentos do Desejo*, no Sesc Ipiranga (Rua Bom Pastor, 822, tel. 3340-2000).

Logo depois do fim do Endança, a morte de sua mãe a levou a criar, em abril de 95, *Reta do Fim do Fim*, que ela levou em turnê pelos Estados Unidos, Colômbia, Portugal, Espanha e Dinamarca.

Movimentos do Desejo teve pré-estréia em maio de 1997, na mostra Contradança, realizada no Teatro Hilton, em São Paulo, tendo sido apresentado depois em Brasília, na Mostra Dança Brasil do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio, e também no IV Festival Internacional de Dança Contemporânea, na Co-

lômbia.

São quatro bailarinos em cena, mostrando “o desejo como antítese da tristeza, como algo vital, que põe movimento em todo o corpo e pensamento”, explica ela, complementando que Alessandro Brandão, Inês Santiago, Márcia Lusvalva e Leonardo Hernandes propõem uma abordagem da sexualidade sem questionamentos psicológicos.

O espetáculo apóia-se sobre a idéia de que apenas a alegria erótica consegue tornar-se um antídoto contra a angústia que o envelhecimento e a morte trazem. Numa montagem de ritmo intenso, com vídeos e imagens fragmentadas, com muito rock na trilha sonora, Marcia Duarte propõe ao público o papel de voyeur. Cria um jogo entre imagens refletidas, transparências e o real pelo modo como usa materiais como o acrílico, o espelho, a fibra de vidro e o metal. A Cia. Márcia Duarte garante que seu espetáculo não ultrapassa a linha que divide vulgaridade e arte.

Os ingressos para ver *Movimentos do Desejo*, que dura cerca de 1 hora e 30 minutos, são gratuitos e devem ser retirados com antecedência. (H.K.)



Marcia propõe ao público o papel de voyeur em ‘Movimentos do Desejo’: abordagem da sexualidade sem questionamentos psicológicos